

O RURBANO E O CONTINUUM NA CONSTRUÇÃO DE PERSPECTIVAS NÃO DICOTÔMICAS SOBRE AS RELAÇÕES CAMPO-CIDADE¹

CARLOS EDUARDO SIMÕES DA SILVA¹; WILLIAM HÉCTOR GÓMEZ SOTO²

¹Universidade Federal de Pelotas – carlosc.sociais@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – william.hector@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As ideias acerca do que é rural ou urbano e campo ou cidade estimulam debates de longa trajetória nas ciências sociais. As abordagens clássicas estabeleciam características definidoras de cada um destes ambientes, com base em uma visão sempre dicotômica.

Mais contemporaneamente, o debate se alimentou das transformações observadas nestes “universos distintos” e se encaminhou num sentido atento às homogeneizações produzidas pelo incremento das tecnologias, comunicações e globalização de modo mais amplo.

Buscando superar a dicotomia clássica entre rural e urbano, alguns autores têm trabalhado com a noção de *continuum* rural-urbano. Nesse sentido, se estabelece a perspectiva de que não existe uma divisão estrita entre as áreas rurais e urbanas, mas sim um espectro contínuo ou uma transição gradual entre esses dois tipos de ambientes. Por outro lado, tem-se registrado, pelo menos desde a década de 1930, o desenvolvimento da noção de *rurbano*. O neologismo, inicialmente utilizado para se referir à áreas de transição entre o ambiente urbano e rural, vem sendo apropriado e trabalhado em diferentes dimensões e sentidos por distintos autores. Inobstante tal diversidade, permanece comum seu emprego em referência à aproximação entre os “mundos” rural e urbano, que pode ser cultural, simbólica, econômica, geográfica, identitária ou mesmo todas elas simultaneamente.

O objetivo neste resumo está em apresentar sinteticamente a evolução dos conceitos de *rurbano* e de *continuum* nas ciências sociais e refletir acerca de seus valores e limitações analíticas.

2. METODOLOGIA

O trabalho consiste em uma revisão bibliográfica seguida de análise direcionada à construção de relação entre os achados. Trata-se, portanto, de um esforço teórico. A seleção bibliográfica se pautou na relevância, disponibilidade de acesso e complementaridade entre as discussões revisadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O termo rurbano figura academicamente pela primeira vez na década de 30, no trabalho de SOROKIN, ZIMMERMAN e GALPIN (1986) quando, procurando estabelecer diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano, os autores

¹ Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado em andamento, do mesmo autor, sob o título provisório “O RURAL ALÉM DO CAMPO: Reformulações das ruralidades nos modos de vida dos moradores do Bairro Santa Marta em Camaquã-RS”.

recorrem ao neologismo a fim de indicar situações intermediárias entre o tipicamente rural e o tipicamente urbano.

No Brasil, é com FREYRE (1982), especialmente a partir da publicação da obra “Rurbanização: que é?”, onde se inaugura uma acepção mais sofisticada do termo e se defende um desenvolvimento equilibrado e harmonioso entre o rural e o urbano, desde a distribuição espacial das empresas e objetos, até os modos de vida daí implicados. Nesta acepção, o rurbano figura como uma situação ideal, mista e, em seus termos, conciliadora de contrários.

Mais tarde, GRAZIANO DA SILVA (2002) coordenou no final dos anos noventa o Projeto Rurbano, o qual visava caracterizar “o novo rural brasileiro”. O autor se utilizou do termo para se referir ao que identificou como processo de urbanização do campo. O Projeto Rurbano demonstrou que já não se poderia referir ao meio rural brasileiro como mero sinônimo de agrário, indicando a importância de atividades não-agrícolas, tais como a prestação de serviços, o comércio e a indústria, como integrantes da dinâmica social das populações desse meio.

Enquanto isso, em outra frente de pesquisa, VEIGA (2001; 2002) articulava o neologismo para desafiar as classificações normativas e se referir a pequenos municípios brasileiros, estabelecendo critérios de tamanho e densidade populacional para tanto. O argumento que subjaz essa classificação é o fato de muitos desses municípios apresentarem dinâmicas econômicas e gênero de vida essencialmente rurais e não disporem de uma estrutura física compatível com a designação de cidade.

Apesar de o neologismo haver figurado esporadicamente na obra de diversos autores, é, no entanto, com Gilberto Freyre que o termo é mais densamente refletido e sociologicamente conceituado. “Que significa rurbanização? Um processo de desenvolvimento socioeconômico que combina, como formas e conteúdos de uma só vivência [...] valores e estilos de vida rurais e valores e estilo de vida urbanos. Daí o neologismo: rurbanos” (FREYRE, 1982, p. 57).

Nesta obra, Freyre aborda a questão do crescimento dos subúrbios e as transformações sociais e culturais que decorrem desse processo. No livro, Freyre discute o surgimento de um modo de vida que mistura elementos rurais e urbanos, e propõe o termo “rurbanização” para descrever essa realidade. Para Freyre, a rurbanização é um processo que pode trazer benefícios tanto para as áreas urbanas quanto para as áreas rurais, e que pode ser visto como uma forma de superação das dicotomias entre campo e cidade, tradição e modernidade.

Assim, Freyre propõe uma reflexão sobre as transformações sociais e culturais decorrentes dos processos de aproximação entre o rural e o urbano e suas dinâmicas. Segundo o autor, a rurbanização pode ser vista como uma forma de superação da separação entre campo e cidade, que durante muito tempo foram vistos como mundos opostos e irreconciliáveis. A rurbanização cria uma nova dinâmica de vida, que combina elementos rurais e urbanos, e que pode levar à criação de novas formas de sociabilidade, de cultura e de produção.

Deste modo, Freyre imprime na ideia de rurbano sua visão otimista, sob a qual a rurbanização seria um processo que pode contribuir para a superação de algumas das principais dicotomias que têm marcado a sociedade brasileira, e que pode abrir novas possibilidades para a construção de uma cultura e de uma sociedade mais integrada e plural.

Por fim, CARNEIRO (1998) inaugura o uso do termo na exploração de ainda outras dimensões. Nesse sentido, a autora analisa o que chamou de “ideal

rurbano” em artigo que dirige a atenção às relações entre campo e cidade no imaginário de jovens rurais. Neste trabalho, o rurbano figura na construção identitária de jovens do meio rural que manifestam desejos e aspirações voltadas ao mundo urbano, ao passo que não dispensam as relações tradicionais com a família e a comunidade, a segurança material e outros aspectos do estilo de vida rural. Isso se daria através de negociações que têm como referência um sistema de valores que combina o universo simbólico tradicional e os da modernidade, adquiridos na sociabilidade da cidade. Nos projetos de vida desses sujeitos, a ideia de rompimento definitivo com o universo cultural de origem vem dando lugar a uma síntese, que expressa a possibilidade de combinar os dois mundos. Assim, para a autora, hoje é possível ser rural na cidade e urbano no campo, bem como algumas identidades podem ser sustentadas na diversidade, combinando práticas e valores originários de universos culturais distintos.

No que se refere à perspectiva do *continuum*, esta formulação foi primeiramente proposta por ROBERT REDFIELD (1989) em meados da década de 1950. MARQUES (2002) considera que esta se diferencia das abordagens dicotômicas por reconhecer no mundo contemporâneo um progressivo processo de estreitamento das relações campo-cidade. No Brasil, a noção é trabalhada por WANDERLEY (2001), que classifica as abordagens do *continuum* em duas vertentes principais: uma concepção urbano-centrada, que enxerga o esvaziamento do rural em favor do urbano, num processo de homogeneização; e outra, na qual a autora se inscreve, que utiliza o conceito na exploração das inter-relações entre os dois “polos”, que, apesar de atualmente mais integrados, permaneciam diferenciados enquanto representações sociais.

Neste sentido, a autora registra que não há mais grandes diferenças de acesso à bens de consumo e mesmo modos de vida entre os habitantes do campo e da cidade, mas que diferenças podem se manifestar no plano das identificações e reivindicações na vida cotidiana.

Para a autora, urbano e rural comportam referências espaciais, sociais e culturais diferenciadas, mas podem convergir. A expressão dessas convergências pode ser observada, por exemplo, em nível local, onde integração e reciprocidades não significam o apagamento do rural, embora esse processo também comporte tensões e conflitos.

Assim, pode-se encarar de maneira natural que os “dois mundos”, rural e urbano, coexistam em um mesmo espaço. Essa visão nega, a um só passo, tanto a dicotomia clássica que atribui características essenciais e definidoras aos espaços, encarando-os como polos isolados, quanto a perspectiva de dominação total do rural pelo urbano. O foco aqui está nas inter-relações e seus produtos, que não cabem numa tipificação binária.

4. CONCLUSÕES

O neologismo rurbano tem origem em uma obra clássica, de perspectiva dicotônica, onde o esforço voltava-se para o estabelecimento de parâmetros essencialistas que pudessem caracterizar e distinguir o rural do urbano. Não obstante, diferentes autores o têm empregado contemporaneamente de modo diverso, através de concepções frequentemente compatíveis com a ideia de continuum, que tem sido largamente aceita e incorporada nas atuais discussões a respeito do tema nas ciências sociais brasileiras.

Dado que a perspectiva do continuum pode ser dividida em pelo menos duas abordagens (uma urbano-centrada e outra inter-relacional), observa-se que o

desenvolvimento mais promissor do conceito de rurbano vem sendo direcionado em sentido compatível com a perspectiva de continuum inter-relacional, ou seja, onde não se supõe o apagamento ou descaracterização do rural em virtude da disseminação da lógica urbana. O rurbano, nesse sentido, como demonstrado por FREYRE (1982) e CARNEIRO (1998) pode expressar-se localmente como configurações híbridas no espaço, nos modos de vida, nas identidades e nos projetos de vida de pessoas quer sejam elas do campo ou cidade.

Com efeito, qualquer que seja a acepção da noção de rurbano ou de continuum, não se superam totalmente as velhas dicotomias representadas pelo binômio rural/urbano. Estas categorias se demonstram válidas para descrever o processo de integração e mitigação dos contrastes sociais entre campo e cidade, mas são insuficientes para explicar as complexidades e diversidades do real, que só podem ser adequadamente apreendidas através de pesquisas empíricas situadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, M. J. "O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais", in Texeira, F.C.; Santos, R.; Costa, L.F. (orgs.) **Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares**. RJ: Campos, 1998.

FREYRE, G. **Rurbanização: Que é?**. Recife: Massangana, 1982.

GRAZIANO DA SILVA, J.F. **O novo rural brasileiro**. Campinas: Unicamp, 2002. 2 ed.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, São Paulo, n. 19, p. 95-112, ano 18, 2002.

REDFIELD, R. **The Little Community and Peasant Society and Culture**. Chicago: Midway Reprint, 1989.

SOROKIN, P.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. "Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano", in MARTINS, J.S. (org.) **Introdução Crítica à Sociologia Rural**. São Paulo: Hucitec, 1986. 2 ed.

VEIGA, J. E. **CIDADES IMAGINÁRIAS: O BRASIL É MENOS URBANO DO QUE SE CALCULA**. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

VEIGA, J. E. Desenvolvimento Territorial do Brasil: do entulho varguista ao ZEE. In: **XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA**, 2001, Salvador. **Anais...** Campinas, SP: ANPEC, 2001. v. 1. p. 1-20.

WANDERLEY, M. N. B. A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. En publicación: **¿Una nueva ruralidad en América Latina?**. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN: 950-9231-58-4 Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100929011629/3wanderley.pdf>. acesso em 12 de setembro de 2023.